



6º Domingo de Páscoa (16/05/04)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Joel 2:21-27

As profecias de Joel sempre foram um tanto enigmáticas quanto ao seu contexto histórico e sua simbologia. A única referência mais clara a uma época está na denúncia contra os fenícios que vendiam os judeus como escravos para os gregos (3:4-8). Essa referência colocaria o conjunto (pelo menos na sua fase de redação final) entre os séculos 5º e 4º a.C., isto é, no fim do domínio Persa e começo do domínio grego.

No entanto estas profecias não parecem ser uma obra única desde seus primórdios. Talvez houvesse um núcleo mais antigo (até pré-exílico) cujo centro era ao anúncio do dia em que o Senhor julgaria todos os povos (cf. 1:15; 2:1, 11,29 e 3:1, 14 e 18).

Enfim, Joel adere à máxima: *"a justiça tarda mas não falha"*. O povo não pode desistir da luta só porque seu adversário é poderoso. O povo de Israel já tinha passado por dois exílios - o Assírio (a partir da destruição da Samaria em 722 a.C.) e o Babilônico (a partir da destruição de Jerusalém em 587 a.C.). Depois os Persas foram vistos como redentores do povo e seu rei como messias (Is 45:1). No entanto, a desgraça parecia não querer se afastar deste povo. Mas Joel não se entrega e anuncia: *"Restituir-vos-ei os anos que foram consumidos pelo gafanhoto migrador, pelo destruidor e pelo cortador, o meu grande exército que enviei contra vós outros"* (Jl 2:25; Almeida). Neste anúncio as três palavras traduzidas como adjetivos ("migrador", "destruidor" e "cortador") são também três formas diferentes de dizer "gafanhoto". A primeira "*haeleq*" significa jovem gafanhoto (citado antes em Jl 1:4). A segunda "*hasil*" é gafanhoto adulto usado como imagem para os que pilham um botim em Is 33:4. A terceira é "*hazam*" (gafanhoto ou lagarta) usada por Amós para falar de invasores estrangeiros (cf. Am 4:8-9). A palavra traduzida por Almeida como "*restituir-vos-ei*" é "*veshilameti*" podia ser traduzida também como "*eu vos vingarei*". Ou seja, o profeta deixa claro que a opressão dos opressores, de todos os tipos, não ficará impune ou, dito de outra forma, que não há injustiça que dure para sempre.

Esta certeza é que justifica o "*Não temas!*" (Jl 2:21a e 22a) ou melhor "*Não tenhas medo!*" - que também é dito em Dêutero Isaías (40:9; 51:14 e 54:4) quando os oprimidos pela Babilônia clamavam por justiça e recomeço - e no Novo Testamento (Apocalipse 2:10) quando as pessoas perseguidas pelos romanos anunciavam que este Império não ficaria impune.

De fato, Deus é anti-imperialista, gostemos ou não. Quantos impérios já nasceram e morreram? Pode ser que outros nasçam e morram, mas há um Deus que já decretou seu fim e nós somos um povo de testemunhas ativas deste fim. Testemunhas ativas porque não estamos só para ver e contar mas para denunciar e transformar com o poder de Deus a lógica destruidora e mortal dos poderosos da terra. Somos chamados/as a substituir o poder que produz a morte pelo poder que produz a vida (Jl 2: 24 e 26)! (HMG)



2ª leitura – Apocalipse 21.22 a 22.5

O recorte para este domingo nos apresenta uma visão gloriosa do novo céu e da nova terra. Essa nova criação é descrita sob a perspectiva da convivência, a vida uns com os outros - a comunhão permeada pela habitação plena de Deus (21.3). A cidade é a metáfora da nova criação. Isso nos mostra como a comunhão e comunidade apontam para o cerne da visão da obra de Deus, da Igreja e da criação. A estória bíblica se inicia num jardim, passa pelas estórias das alienações e contradições das cidades humanas, da reconciliação e redenção e da visão de sua plenitude. Essa visão é a cidade-jardim.

Vs. 22 - Nessa cidade, por exemplo, não há templo, que apontem para a habitação de Deus com as pessoas de modo provisório e ambíguo. Na verdade, essa ausência confirma o que as cartas paulinas e o Evangelho de São João afirmam: Cristo é o Templo de Deus. Por isso, somos o templo de Deus. Então, há aqui a superação final do que é sagrado e profano, religioso e secular, espiritual e material. Em outras palavras, todo o espaço é permeado pela presença de Deus. Sob essa perspectiva, o povo de Deus é o templo de Deus e o espaço construído como sagrado é provisório. O que se destaca com isso é a comunhão do povo de Deus como a habitação divina. Nem por isso, por outro lado, a construção do espaço litúrgico é algo sem importância, pois é uma maneira de expressar por meio da arte o sentido do povo de Deus que se reúne. É bom saber que essa questão é antiga. Já, no Antigo Testamento e entre os Pais da Igreja, havia certa suspeita para com os templos (ver Christopher Rowland, NIB vol.12 – a discussão sobre as suspeita a respeito da necessidade de templos e o custo de sua manutenção).

Nessa cidade, a glória, o esplendor, o brilho da grandeza e riqueza de Deus iluminam todas as coisas. A perfeição do amor de Deus supre todas as coisas. Por isso, os habitantes desta cidade não se preocupam mais com a questão da energia, porque a luz vem do Cordeiro, a lâmpada, isto é, o amor inesgotável derramado abundantemente na Cruz.

Também, há uma perfeita paz, pois as portas estão continuamente abertas para acolher todos os peregrinos e nela não há nenhum estrangeiro, pois todos se sentem em casa. Isso nos lembra a memorável Carta aos Efésios, (2.13ss.).

As realizações humanas têm participação na obra divina. Isso é sinalizado pelos reis e povos que trazem suas contribuições à cidade de Deus. É a visão de que as pessoas e suas obras humanas são redimidas (21.24).

22.3-4 - A presença de Deus, diante de quem há contínua adoração e que pode ser contemplado face a face. Essa é a procura humana que é "incitada" pelo Criador como diz Santo Agostinho no início de suas Confissões, a qual é plenamente satisfeita. É o supremo dom (ver 10 13.12ss.).

Vs. 5 - "reinarão..." é participação no reinado de Deus. A luz de Deus que tem a ver com a comunhão criada pela doação, humilhação e humildade do Cordeiro está relacionado com o reinado e com o poder. Que forma de reinado, que poder? Era uma crítica ao exercício do reinado e poder do Império Romano e serve para discernir os reinados e poderes de todos os tempos. Isso nos lembra não só as palavras do Salmo



13 ("Deus acima de todas as coisas se curva para levantar os humilhados") mas também as palavras de Jesus em Marcos 10.45. (ST)

2º comentário - Apocalipse 21: 22 a 22:5

Em um contexto de criação de novo céu e nova terra (21:1), ou seja, de novas realidades, de novos referenciais perenes e de novos paradigmas, João é convidado a ver agora a noiva, a esposa do cordeiro (21:9) associada neste livro com aqueles que abraçaram o projeto do Reino de Deus e por ele foram capazes de sacrificar suas vidas. O que é surpreendente é que o anjo convida João para ver uma noiva, mas o que ele mostra é uma cidade (21:10). Desde os tempos do Primeiro Testamento que a "cidade" vem sendo usada como figura de linguagem para se referir ao povo de Deus. E neste texto, escrito por um judeu para cristãos vindo do judaísmo, a figura se mantém. Ao descrever a cidade, contudo, João está fazendo muito mais do que falar de um lugar "para onde" a Igreja irá. Ele está descrevendo as marcas que já devem estar presentes na Igreja hoje. As marcas desta cidade são as nossas marcas. Ou seja, enquanto João descreve uma cidade, que pode muito bem servir como modelo para as nossas, podemos também ver nela, um sinal de nossa Igreja. E algumas delas precisam ser destacadas aqui.

Em primeiro lugar esta cidade é **uma cidade de inclusão**: O verso 25 nos fala sobre as portas desta cidade. Falar das portas é falar do lugar por onde se entra, por onde se deixa de ser estranho ou estrangeiro e se torna cidadão. Por meio das portas deixamos de ser excluídos e nos tornamos incluídos. Nesta cidade existem 12 portas, ou seja três para cada ponto cardinal. Isto nos chama a atenção porque esta cidade está aberta à universalidade. Ninguém pode dizer que não tem a oportunidade de entrar. As portas desta cidade estão abertas para todos os povos e todas as pessoas. José Bortoline, comentando este texto, nos diz que "a grande peregrinação universal de Isaías 60 acontece agora na Nova Jerusalém". Todas as portas estão abertas, o tempo todo para que todos venham e se juntem aos cidadãos do Reino de Deus.

Esta metáfora da cidade deve nos fazer pensar enquanto Igreja. Estarão as nossas portas abertas para todas as pessoas? Será que todos aqueles que quiserem entrar e participar da comunidade serão alegremente recebidos? Ou será que, enquanto Igreja, também excluímos alguns grupos ou pessoas do privilégio da adoração? E nossas cidades e bairros, estarão elas abertas para os excluídos de todas as nações?

Em segundo lugar esta cidade é **uma cidade de partilha**: Os reis da terra normalmente expunham os despojos da guerra e da conquista como uma forma de desonrar os vencidos. Era um sinal de dominação e de exercício de poder, mas também de vergonha e dor para os derrotados. Para esta nova cidade, nos diz o texto, serão trazidas "a glória e as riquezas das nações" (21: 26). Mas qual a razão? Porque as riquezas das nações terão agora um novo fim que não será mais a vergonha e a humilhação, mas a partilha. Na nova cidade, o paradigma não é mais o do acúmulo de capital, mas a partilha de tudo. A impureza, a abominação e mentira, que caracterizavam a sociedade do anti-reino (Babilônia) são agora deixadas de fora



(21:27). Portanto, embora todos sejam convidados a entrar na cidade, é preciso que se abandone a idolatria, a soberba e o amor ao dinheiro, ao acúmulo e ao consumo, e se abram para a partilha.

Na Santa Eucaristia a Igreja celebra a partilha do Pão e do Vinho como sinal de que o Cristo partilhou sua vida conosco. Estaremos nós, enquanto Igreja, envolvidos no projeto da partilha e da repartição do Pão para as multidões que nada têm? E nossas cidades, estão elas criando espaços para que populações inteiras de pessoas excluídas de tudo o que é fundamental para uma vida digna sejam tratadas como cidadãos? Estão os gestores públicos envolvidos com projetos de inclusão ou reforçando as paredes de separação entre ricos e pobres?

Em terceiro lugar esta cidade é **uma cidade de vida plena**: Não é sem propósito que todas as grandes cidades antigas foram construídas às margens de rios ou mares. Da mesma forma não é sem propósito que a felicidade daquela cidade santa seja descrita com a utilização da figura de um "rio de águas da vida" (22: 1). Este rio, de acordo com o texto, parte do centro da cidade, do Trono de Deus e a corta em duas. Ela é completamente inundada pelas águas vivificadoras deste rio. Lá encontramos um rico alimento para saciar nossa fome, água limpa para dessedentar nossa sede e água pura para limpar nossas manchas do passado. Lá encontramos o Trono de Deus que nos acolhe e nos cobre com sua luz que esclarece a mente e os caminhos. Lá encontramos a árvore da vida que dá frutos durante todo o ano, para que as pessoas se alimentem e tenham suas feridas curadas (22:2).

Assim deve ser a Igreja: um lugar de acolhimento, de luz, de água pura, de alimento, de vida, lugar onde a presença de Deus nos mude a orientação e os valores que temos; um lugar onde as pessoas sejam curadas, mudadas, alimentadas, tratadas, cuidadas, como quem trata de alguém da família. Assim deveriam ser nossas cidades. Lugares de vida e não de morte e exclusão.

Devemos, depois de ler este texto, fazer uma séria reflexão sobre o papel da Igreja na cidade. Nossa Missão Urbana e nossa pastoral na cidade estão marcadas por quais valores? Qual o caminho que trilhamos? Para onde estamos indo? Que Deus nos oriente a viver no "já", os valores do "ainda não". (JLFA)

Santo Evangelho - João 14:23-29

"Tenho dito isso, enquanto estou com vocês".

"Deixo-vos a minha paz; a minha paz vos dou, não como o mundo costuma dar.

Não se preocupem nem tenham medo".

Vocês já repararam como a gente sente quando uma pessoa vai morrer? Mesmo que não estejam doentes. Acho que esta sensibilidade não ocorre só comigo, pois já ouvi outras pessoas me dizerem o mesmo. Evidentemente isto não ocorre quando a pessoa morre violentamente, como aconteceu com os duzentos que morreram em Madri.

Mas Jesus aqui está preparando os seus discípulos para a separação que se daria na sua Morte.



Neste preparo o que é essencial é o amor. Por quê? É o amor a fonte da vida e da paz. Para nos sensibilizarmos para o amor é necessária preparação. É nesta preparação que iremos verificar quem é e quem não é sensível ao amor. Digo isto porque nem todos são sensíveis à salvação ou à Ressurreição com Cristo. Não podemos saber quem são aqueles que o serão (vejam a estória do ladrão arrependido na Cruz). No último momento a luz do reencontro, da reunião, pode romper a nossa opacidade em toda uma vida. Por isso devemos evangelizar a tempo e fora de tempo, sem a pretensão de querermos empurrar a fé "cabeça abaixo" numa pessoa. A fé é resposta para quem faz uma pergunta. Por isso nosso papel como evangelistas é ajudarmos as pessoas a fazerem a pergunta básica de sua existência.

Por isso também evangelização é preparação ou sensibilização para o amor que conduz a paz.

Assim o medo é varrido de nós. (GSL)

2º comentário – João 14. 23-29

O trecho selecionado faz parte da seção que começou com no capítulo 13.1 e está em continuidade com o discurso sobre a glorificação mútua do Pai e do Filho, a participação dos seus nessa comunhão e a expressão em termos do amor fraterno e novo mandamento. O trecho também, está dentro do que Jesus disse sobre o significado de sua partida e aponta para a vida que os discípulos devem conduzir, após a sua partida com a orientação do Espírito Santo.

Vs. 23-25 - No amor entre Jesus Cristo e os seus e na observação do novo mandamento, o Pai e o Filho fazem morada. Na visão do Apocalipse é a cidade da paz. Trata-se da plenitude da comunhão. Mais uma vez, a comunhão é uma palavra mestra.

Vs. 26 - O Espírito Santo, aquele que defende, protege, conforta a Igreja e os discípulos, fazendo com que a realidade de Jesus Cristo, suas palavras, ações, missão e presença se tornem sempre uma realidade concreta em nós na comunhão, oração, missão e serviço. Aqui a função principal do Espírito Santo é lembrar, levar a Igreja a proclamar, viver, testemunhar, servir de modo que Jesus Cristo seja presente em cada situação. Dito isso é preciso precisar um pouco o sentido do Paráclito, defensor, conselheiro e advogado e relacioná-lo com a função do Espírito Santo dar testemunho de Jesus Cristo. Trata-se de fazer testemunho de Cristo, isto é, esclarecer e defender Jesus Cristo (15.26), Verbo feito carne, vítima de ódio, rejeição, de acusação falsa, (15.25). É a questão da verdade de Cristo - não se trata de formulação doutrinária correta ou incorreta abstraídas do contexto em que a vida e missão de Jesus estão em jogo diante das autoridades, daqueles que têm o poder de decidir sobre a vida e morte das pessoas (19.10; 18.35-38) e, conseqüentemente, de sua Igreja. Por isso, a presença do Espírito Santo nos liberta do medo. No primeiro dia da semana, o Ressuscitado veio aos discípulos atemorizados e saudou-os com a paz.

Vs. 27 - A paz é o dom que Jesus traz ao mundo juntamente com a verdade e a alegria. É o dom conhecido no Antigo Testamento. Por exemplo, Salmo 29.11: "ao seu povo o Senhor dá forças; com paz Deus abençoa o seu povo". Essa bênção da paz é precedida com referência à presidência de Deus sobre o dilúvio, uma ameaça terrível.



Em Isaias 57.19: "farei brotar de seus lábios este canto: paz e felicidade para os que estão longe e para os que estão perto: eu o curarei, diz Yahweh". Essa paz é oferecida aos entristecidos, aos exilados. É o anúncio da salvação: eu o curarei.

No texto do Evangelho, a paz é alegria, fortalecimento, confiança, sinal da presença do Espírito Santo em meio às ameaças do mundo. Neste sentido, a paz de Cristo é contrastada com a paz que o mundo oferece. Que é essa paz? Certamente, ela toma feições diferentes daquilo que no tempo de Jesus chamava-se "pax romana", a ordem imposta pelo império romano. Essa era a paz arquitetada pelos dirigentes romanos, imposta pela força militar e assegurada com a subjugação dos povos conquistados por meio de leis por eles promulgadas e em favor do império. Era a paz que trazia o derramamento de sangue e lágrimas e exploração. Não é essa paz que Jesus oferece. A paz de Jesus nasce da remoção das barreiras entre Deus e as pessoas e entre os povos e da construção de relação de confiança, de amor, e justiça.

"Eu vou, mas voltarei..." O Filho e o Pai farão em nós a sua habitação. Não há maior promessa e dom do que essa habitação. (ST)